

A REVOLTA DE ESPÁRTACO: ABORDAGEM SEMIÓTICA DE UMA FONTE LITERÁRIA

Sônia Regina Rebel de Araújo*

Abstract

This paper offers an analysis of aspects of the Spartacus rebellion, as put forwards in Plutarch's Crassus, 8-11, by the systematic approach of the semiotics of language.

Neste trabalho, desenvolvido no âmbito do Centro de Estudos Interdisciplinares da Antiguidade (CEIA), apresentarei uma análise detalhada de uma fonte literária com base na semiótica da linguagem. Apresento um estudo de caso: a fonte **Vida de Crasso, 8-11**, de autoria de Plutarco sobre a revolta de Espártaco, parte fundamental da nossa tese de Doutorado. Esta análise une o método estruturalista genético da Literatura, de Lucien Goldmann, aos métodos semióticos da leitura isotópica e quadrado semiótico, que dão conta da análise e percepção das estruturas imanentes às obras em questão.

Trata-se de explicitar, em primeiro lugar, quais são os aspectos teóricos deste trabalho discutindo, principalmente, as contribuições que Goldmann e Courtés e Greimas trouxeram para a formulação e comprovação das hipóteses que norteiam esta pesquisa.

Lucien Goldmann propõe o uso do método do que ele denominou "estruturalismo genético" em estudos literários, um método geral de análise,

* Doutora em História Social CEIA-UFF.

pois o autor parte do princípio que a criação cultural é um setor do comportamento humano e, que tal como os demais setores, está sujeito a leis que podem ser apreendidas pela sociologia da literatura.

“O estruturalismo genético parte da hipótese de que todo o comportamento humano é uma tentativa para dar uma resposta significativa a uma situação particular e tende, por isso mesmo, a criar um equilíbrio entre o sujeito da ação e o objeto sobre o qual ela se exerce, o meio ambiente.” (GOLDMANN, 1976: 203)

Goldmann quer dizer que o comportamento humano tem uma dinâmica, pois o equilíbrio entre as estruturas mentais do autor que informam a obra literária e o mundo é provisório: as transformações que os homens imprimem ao meio ambiente geram um desequilíbrio seguido de um novo equilíbrio. Desse modo, as realidades humanas são, ao mesmo tempo, processos em que ocorrem a desestruturação das situações antigas e a estruturação de novas totalidades correspondentes às expectativas dos grupos sociais que as geraram.

Quanto ao tema da produção do texto, no que tange à autoria, o autor procura ver na coletividade o único sujeito real. Propõe uma terceira opinião, derivada desta segunda, em que se deveria

“admitir, com o romantismo, a coletividade como sujeito real se, esquecer, porém, que essa coletividade não é outra coisa senão uma complexa rede de relações interindividuais e que é preciso sempre especificar a natureza dessa rede e o lugar particular que nela ocupam os indivíduos que aparecem, de modo manifesto, como os sujeitos (...) imediatos do comportamento estudado.” (1976:204)

Em outras palavras, o verdadeiro autor da obra literária é o grupo, ou seja, a classe social a que pertence o autor da obra. Sua consciência de classe é o fator decisivo para informar a produção dos textos.

Um primeiro seria o de determinar as relações entre o grupo – a classe – e a obra. Um exemplo da importância desse problema: nas minhas fontes há discrepâncias entre os pontos de vista de vários autores sobre a revolta de Espártaco. Embora, todos fossem membros, genericamente falando, da mesma classe social, a classe dominante, no caso, há diferenças em seus relatos. Cabe ao sociólogo da literatura explicar o porquê disso.

Goldmann aponta um segundo problema, que seria dar ênfase demasiada ao conteúdo da obra, e não ao que nela há de especificamente literário. Afirma que a experiência do autor não é imediatamente refletida na obra literária, mas aparece mediatizada por outros fatores (1976:2,8-9).

Em relação ao meu objeto de estudo, a visão constante na obra de Plutarco acerca dos escravos e suas revoltas, os pressupostos teóricos de Goldmann revelam-se úteis, pois compartilho com o autor da idéia de que a ideologia de classe é que informa as narrativas, ou mais genericamente, a literatura. A qualidade estética dos textos estaria ligada ao pressuposto tirado de Brion Davis de que, nas sociedades escravistas, a visão ambígua da classe dominante sobre os escravos, tratando-os como se fossem coisas e seres humanos, se refletiria nos textos literários produzidos nessas sociedades. Deste modo, as estruturas mentais do mundo romano revelam-se no relato de Plutarco, pois, na sua visão de mundo, a escravidão, com as tensões e ambigüidades que gerava, era uma realidade cotidiana.

Outro método de análise lingüística, também útil para a compreensão da visão de mundo da classe dominante romana, é o da semiótica textual. Desta, realizei a leitura isotópica da fonte principal e, objetivando perceber as redes temáticas e axiológicas presentes nos textos, a partir do levantamento das figuras, ou seja, da rede figurativa, muito importante para dar pistas sobre as outras. A definição de semiótica que utilizo é:

“O termo semiótica é empregado em sentido diferente conforme designe: a) uma grandeza manifestada qualquer, que se propõe conhecer; b) um objeto de conhecimento, tal qual aparece no decorrer e em seguida à sua descrição; c) o conjunto dos meios que tornam possível seu conhecimento.” (GREIMAS & COURTÉS, 1976:409).

A semiótica seria, para estes autores, uma maneira rigorosa e formalizada de tentar apreender o *sentido* de um determinado texto, e para isso, há que se fazer uma transcodificação, ou seja, a passagem de um modo de significar para outro. Como escreveu Ciro Cardoso: “O sentido deve, pois, ser apreendido simultaneamente como sistema, (estrutura) e como processo, cada uma dessas facetas pressupondo a outra” (1997:16-7).

Desse modo, a metodologia deste artigo fica assim estabelecida: em primeiro lugar, traço brevemente a biografia de Plutarco, autor da fonte; transcrevo o texto a ser analisado; procedo à análise sucinta; a seguir, utilizo

a leitura isotópica para estabelecer a maneira de “ler” o texto, objetivando perceber a ideologia da classe dominante acerca da revolta de Espártaco, presente nos relatos de Plutarco, Apiano e Floro, dentre outros; finalmente, com ajuda das redes feitas na análise isotópica, formulo um quadrado semióticos que apreende, com grande rigor, a ideologia sobre os escravos e sua rebeldia, a partir do caso de Espártaco.

1. PLUTARCO:

1.1. O AUTOR:

Plutarco, grego que viveu entre 46 e 120 depois de Cristo, foi contemporâneo de Trajano e Adriano. Era admirador dos romanos e pertencia aos círculos mais íntimos do poder, pelo menos durante alguns anos no período adrianino. De tendência filosófica platonista, era crítico do estoicismo e do epicurismo. Foi sacerdote de Apolo em Delfos. Preocupava-se com a difusão de modelos éticos entre a classe dominante no mundo romano. Sua principal obra, *BIOI PARALLELOI*, visava, além desse objetivo, conciliar o passado grego com o presente romano.

Embora gozasse das benesses do poder romano, em suas interessantes e bem escritas narrativas poderia mostrar-se crítico de personagens romanos famosos. Um exemplo: na **Vida de Crasso**, ele ressalta a cupidez, a ambição desse personagem, se bem que, por outro lado, observe suas qualidades de general. Quanto ao seu método de estudo e escrita, C.B.R. Pelling, em um excelente artigo (1979: 74-96), acentua as seguintes características de Plutarco na construção de suas “Vidas”:

- a) Plutarco, embora tenha tido acesso a vários materiais, guiou-se por uma fonte principal, Asínio Polião, cujo relato se perdeu;
- b) Plutarco teria feito uso de seus escravos leitores e do *notarius*, um escravo que redigiu anotações para ele. Plutarco, de acordo com Pelling, pedia a seus escravos que lessem para ele enquanto se banhava ou passeava no bosque.
- c) O projeto das vidas dos romanos, com exceção das “Vidas” de Lúculo e Cícero, era único; ele teria reunido os materiais, lido, anotado, e então escrito as narrativas.

O seu método parece partir de três estágios: primeiro, leituras preliminares para dar conta de todas as suas fontes; produção de um esboço criado a partir da fonte principal, Polião; finalmente, escrita das versões finais.

Quanto às influências literárias sofridas por Plutarco, aventa-se a possibilidade dele ter lido Salústio, mas também Lívio e Possidônio de Apaméia, além de Asínio Polião. Bradley afirma que, por outro lado, é impossível determinar com certeza, no que toca a Plutarco, quais foram as influências mais significativas sobre sua biografia de Crasso, onde está a narrativa da guerra de Espártaco (BRADLEY, 1989:136-7).

É importante notar que o estilo de Plutarco é floreado e rico. Acerca dos escravos, as menções a estes em suas "Vidas" são mais doces e suaves do que se vê em outros autores. Ele procura mostrar escravos convivendo com os amos em situações em que fica patenteada a humanidade do escravo.

1. 2. O TEXTO:

VIDA DE CRASSO: Capítulos VIII a XI:

VIII - Quanto ao levante dos gladiadores e à pilhagem da Itália, que a maioria dos historiadores chama de guerra de Espártaco, sua eclosão foi assim. Um certo Léntulo Vátia mantinha gladiadores em Cápua, em sua maior parte gauleses ou trácios; a causa de sua detenção não eram suas más ações, e sim, a injustiça de seu comprador, que os forçava a combater na arena. Duzentos deles decidiram fugir, mas foram denunciados. Os primeiros a saber da delação se adiantaram e, em número de setenta e oito, armados com facas de cozinha e espetos roubados num restaurante, deixaram Cápua. Acharno em seu caminho carroças que transportavam armas de gladiadores para outra cidade, apoderaram-se delas e puderam armar-se. Depois de ocupar uma posição naturalmente forte, elegeram três chefes, o primeiro dos quais foi Espártaco, um trácio de raça nômade. Ele não era só inteligente e forte: pela sabedoria e pela moderação, ela valia mais do que a sua sorte e era mais grego do que a sua origem. Diz-se que, da primeira vez que o conduziram a Roma para vendê-lo, viu em sonho uma serpente enrolada em torno de seu rosto. A mulher de Espártaco, sua compatriota, que era adivinha e sujeita a transportes inspirados por Dionisos, explicou-lhe que se tratava de um presságio importante: o de um poder grande e terrível que lhe traria um fim infeliz.

IX - De início, os fugitivos repeliram os soldados enviados de Cápua contra eles e, apoderando-se de uma certa quantidade de armas de guerra, substituíram por elas suas aramas de gladiadores, rejeitadas com desprezo como desonrosas e bárbaras. Em seguida, o Pretor Clódio foi enviado de Roma contra eles com três mil homens, vindo assediá-los. Eles ocupavam então uma montanha [o Vesúvio] da qual os romanos controlavam a única passagem, um desfiladeiro; o resto não passava de rochedos lisos e a pique. Mas, no cume, crescia em abundância uma vinha selvagem. Os homens de Espártaco cortaram, pois, os sarmentos que pudessem servir-lhe; e, entrelaçando-os, fizeram com eles escadas tão longas e fortes que, presas no alto, iam ao longo do rochedo até o chão. Desceram todos assim em completa segurança, com exceção de um: esse velava sobre as armas, e a jogou para os outros lá em baixo, descendo em seguida por último. Os romanos não sabiam disto. Os gladiadores, cercados, aterrorizaram-nos pelo caráter súbito do movimento e os puseram em fuga, apossando-se do acampamento. Muitos dentre os boiadeiros e pastores do país se juntaram a eles. Eram homens trabalhadores e ágeis. Alguns foram armados; outros foram empregados como exploradores ou como

27 infantaria leve. Em segundo lugar, enviou-se contra os revoltosos o pretor P. Varínio, cujo suboficial, Fúrio, à
28 frente de três mil homens, eles derrotaram primeiro. Então deram ao pretor, como conselheiro e colega no
29 comando, Cossínio, que lhe foi mandado com forças importantes. Espártaco o espionou. Surpreendendo-o
30 quando tomava banho nas Salinas [as Salinas de Hércules, perto de Herculano, na Campânia], quase conseguiu
31 raptá-lo. Cossínio penou muito, e teve grande dificuldade em escapar. Espártaco imediatamente se apoderou de
32 sua bagagem, seguiu-o de perto e, na perseguição, após grande carnificina, tomou o acampamento. Cossínio
33 estava entre os que morreram. Quanto ao próprio general, Espártaco o derrotou em diversos outros encontros,
34 acabando por fazer prisioneiros seus liitores com seu cavalo. Ele era, agora, importante e temível, mas não se
35 deixava enganar: não acreditando poder vencer o poderio de Roma, tratou de conduzir seu exército em direção
36 aos Alpes, que em sua opinião todos deveriam atravessar para em seguida cada um voltar para sua casa, uns na
37 Trácia, outros na Gália. Mas seus soldados, encorajados por seu número, e temerários, não o escutavam;
38 devastavam a Itália, onde se espalharam. Por conseguinte, já não eram mais a indignidade e a vergonha de ter
39 de combater a sedição que contrariavam o Senado; doravante, o medo e o sentimento do perigo o decidiram a
40 enviar ao mesmo tempo os dois cônsules, como se se tratasse de uma das guerras mais difíceis e mais graves da
41 História. Um dos cônsules, Gélio, caiu de surpresa sobre os germanos, que, com presunção e orgulho,
42 formavam um grupo separado, e os destruiu completamente; o outro, Lêntulo, à frente de grandes contingentes,
43 cercou Espártaco. Mas este marchou diretamente ao encontro do inimigo, dando combate no qual venceu os
44 suboficiais de Lêntulo e capturou todo o material. Quando, a seguir, se dirigia em marchas forçadas para os
45 Alpes, Cássio, o pretor da Gália Cisalpina, à frente de dez mil soldados, barrou-lhe a passagem. Ocorreu a
46 batalha: Cássio foi derrotado, perdeu muitos dos seus e teve pessoalmente dificuldade em escapar.
47

X - Informado destes acontecimentos, o Senado, descontente, ordenou que os dois cônsules não se movessem e escolheu Crasso para dirigir as operações. Muitos personagens conhecidos, atraídos pelo seu renome ou por sua amizade por ele, serviam em seu exército. Ele tomou posição diante do Piceno [região da Itália Central] para opor-se com firmeza a Espártaco, que se movia naquela direção. E ele enviou seu legado Múmio para tentar, com duas legiões, uma manobra circular, dando-lhe ordem de seguir o inimigo sem dar combate nem fazer escaramuças. Mas seu subordinado, ao conceber esperança de obter sucesso, abriu batalha e foi vencido. Crasso acolheu-o com rudeza; aos seus soldados, deu armas novas, pedindo-lhes garantia de fiadores de que as conservariam. Quanto aos quinhentos que haviam manifestado mais medo, ele os repartiu em cinquenta grupos de dez, em cada um dos quais fez morrer um homem designado por sorteio. Castigo tradicionais há muitas gerações. E, com efeito, a vergonha se liga a esse gênero de morte, muitos detalhes do qual, apavorantes e sinistros, agravam a execução, efetuada à vista de todos. Assim corrigindo seus homens, Ele os comandou na direção do inimigo. Espártaco, porém, se retirara em direção ao mar pela Lucânia. Achando no estreito barcos de piratas cilícios, ele decidiu tentar um golpe na Sicília, lançando dois mil homens à ilha, para ali reatender a guerra servil, que, extinta havia pouco tempo, só tinha necessidade de umas fagulhas para voltar a arder. Mas os cilícios, após fazer acordo com ele e receber gratificações, o enganaram, partindo sozinho. Assim, mais uma vez afastado do mar, ele estabeleceu o seu exército na península de Régio [no sul da Itália]. Veio Crasso; e vendo a natureza do lugar indicar-lhe o que fazer, decidiu fortificar o istmo. Isto tinha a dupla vantagem de arrancar seus soldados da inação e privar os inimigos da abundância [= da capacidade de pilhar para sobreviver]. A tarefa era grande e penosa, mas ele soube levá-la a cabo em pouco tempo ao contrário do que se pensava. Fez cavar de um mar ao outro, através do istmo, uma trincheira de trezentos estádios [aproximadamente 60 km], com largura e profundidade de quinze pés, [uns 4 metros e 50 cm.]; depois erigiu sobre a trincheira uma fortificação de altura e solidez prodigiosas. Espártaco não ligou para tais trabalhos, desprezando-os no começo. Mas, quando a pilhagem diminuiu e ele quis seguir adiante, percebeu que seus caminhos estavam cortados e, que da própria península já não havia o que tirar. Assim, numa noite de nevasca e tempestade por ele esperada, fez encher por terra uma parte pequena da trincheira, também com madeira e galhos de árvores, de modo a fazer passar por cima um terço do seu exército.

48

49

50

51

52

53

54

55

56

57

58

59

60

61

62

63

64

65

66

67

68

69

70

71

72

73

XI - Diante dessa situação, Crasso horrorizou-se, perguntando-se se Espártaco tentacionaria marchar sobre Roma. Mas recuperou a confiança quando muitos soldados do inimigo, desertando depois de um desacordo, foram acampar separadamente às margens de um lago da Lucânia, cuja água, segundo se diz, muda de gosto de vez em quando: doce, de início, torna-se em seguida salgada, deixando de ser potável. Crasso repeliu do lago toda a tropa, mas não pôde massacrar os vencidos nem perseguí-los, devido a uma intervenção fulminante de Espártaco que interrompeu sua fuga. Depois de ter escrito ao Senado que era preciso chamar de volta Lúculo da Trácia e Pompeu da Espanha, ele se arrependeu de o ter feito e se esforçou para terminar a guerra antes que chegassem, bem sabendo que a aparência do sucesso iria para quem viesse ajudá-lo, e não para ele. Decidiu, pois, atacar logo os dissidentes, que formavam bandos separados e eram comandados por C. Ganício e por Casto. Para tanto, enviou seis mil homens para que ocupassem um posto alto, com ordem de dissimular o seu avanço. Eles, de fato, se esforçaram por passar despercebidos cobrindo os seus elmos [para que não refletissem o sol, traíndo seus movimentos]; mas, vistos por duas mulheres que simpatizavam com os inimigos, estariam perdidos sem o pronto aparecimento de Crasso, que deu início ao mais violento de todos os combates, no qual matou doze mil e trezentos homens, dos quais só dois, verificou-se, foram feridos por trás; todos os outros ficaram firmes em seus postos e morreram combatendo os romanos. Após sua derrota, Espártaco, perseguido por Quinto, um dos generais de Crasso, e pelo questor Scrofa, que o atacava esporadicamente, retirou-se na direção da Petélia [na costa leste de Bruttium], procurando uma região elevada. Mas, fazendo volta atrás, ele fez fugir os romanos: estes tiveram dificuldades em tirar de suas mãos o pretor, que estava ferido, e em fugir. Este sucesso foi a perdição de Espártaco, por tornar arrogantes os escravos fugitivos, já que não procuravam oferecer o combate frontal e deixaram de obedecer aos chefes. Pior ainda: já tendo encetado a marcha, eles cercaram tais chefes, em armas, e forçaram-nos a dar marcha-a-ré, a conduzi-los, através da Lucânia, ao encontro dos romanos. A mesma pressa animava Crasso, pois a aproximação de Pompeu já fora anunciada e, em Roma, havia muitos que diziam em voz alta que a vitória nesta guerra seria sua, pois, logo que chegasse, provocaria a batalha e levaria a luta ao seu término. Crasso se apressava, pois, em obter um choque decisivo: estabeleceu seu acampamento ao lado do dos inimigos. Fez cavar uma trincheira, sobre a qual os escravos se lançaram, lutando com os trabalhadores. Como combatentes cada vez mais numerosos chegavam de

cada lado a socorrer os seus. Espártaco, vendo que não havia outro jeito, alinhou todo o seu exército. Logo de início, quando lhe levaram o seu cavalo, puxou a sua espada, dizendo: "Se eu vencer, terei muitos bons cavalos, os dos inimigos; se for vencido, já não precisarei de cavalos." Degolou, então o cavalo. Tentou, a seguir, abrir caminho até Crasso, desafiando armas e feridas. Não o atingiu, mas matou dois centuriões que o haviam atacado. Por fim, enquanto seus soldados fugiam, ficando sozinho e cercado por grande número de romanos, foi trespassado de golpes enquanto continuava a defender-se. Crasso havia feito mudar a glória romana, foi trespassado de golpes enquanto continuava a própria vida. Mesmo assim, o sucesso não deixou de aumentar a glória dirigira bem as operações e arriscara a própria vida. Mesmo assim, o sucesso não deixou de aumentar a glória de Pompeu, pois os rebeldes escapados do combate - e havia cinco mil deles! - chocaram-se com suas tropas e foram mortos, o que permitiu que escrevesse ao Senado: "Crasso venceu os escravos fugitivos ostensivamente; quanto a mim, cortei as raízes da guerra." Concluindo: Pompeu celebrou um brilhante triunfo sobre Sertório e a Espanha. Enquanto Crasso nem tentou solicitar o grande triunfo. Longe disto! Acreditava que celebrar até mesmo o triunfo a pé, chamado de ovação, após uma guerra servil, seria vil e indigno."

101
102
103
104
105
106
107
108
109
110
111
112

I. 3. NOTAS:

Exporei brevemente alguns dados que esclarecem pontos importantes do texto.

Ls. 1-3: O nome do *lanista*, dono da escola de gladiadores, aparece neste texto como Lântulo Vátia, mas a maioria dos historiadores afirma ser seu nome Cn. Lântulo Baciato. O *lanista* era, tal como os proxenetas, os traficantes, o proprietário de escravos de mais baixo nível, socialmente desconsiderado por causa de sua ocupação vil, porém, em muitos casos, lucrativa. Como a natureza de sua ocupação era de molde a não criar vínculos com os escravos de sua propriedade, pois estes eram de primeira geração, via de regra, e deveriam combater na arena arriscando suas vidas, o paternalismo e a lealdade não tinham lugar nas relações entre tal amo e seus escravos, de resto muito tensas. Por isso, esse proprietário se arriscava a enfrentar sedições de seus escravos.

L. 3. Lântulo Baciato mantinha na sua escola de Cápua gladiadores trácios e gauleses. Segundo Bradley (1989), a origem mista dos gladiadores envolvidos na revolta não pode ser posta em dúvida. Quanto à cidade de Cápua, onde a revolta se iniciou, era riquíssima, principalmente em produtos agrícolas – vinho, azeite –, mas sendo um importante centro artesanal, pelo fabrico de bronze, têxteis, perfumes e outras mercadorias importantes. Note-se que Cápua, e de resto a Campânia, era um importante centro de treinamento de gladiadores no século I a. C. Dispunha de numerosa população servil, geralmente de primeira geração, empregada em diversos ofícios.

Ls. 4-5. Aqui se nota o ponto de vista ideológico de Plutarco sobre a escravidão. Para ele, haveria “escravidão justa” e a “injusta”, que é o caso desta situação, pois, em suas palavras, “o motivo de sua detenção não eram suas más ações, e sim, a injustiça de seu comprador, que os forçava a combater na arena”.

Ls. 5-7. Sobre o número de gladiadores que se revoltaram na escola de Baciato, há números discrepantes nas fontes. Plutarco fala em 78; Apiano (*BC*, 1.116, l. 4), não dá o número exato, preferindo falar em “aproximadamente 70”; Cícero (*Att.* 116.8), menciona menos de 50; Salústio (*Hist.* 3.90) concorda com o número de 74, do mesmo modo que Lívio (*Periocha* 95), Valeio Patércolo fala em 64; Floro (2.8.23), em mais de 30; Orósio (5.24.1) menciona 74, tal como Eutrópio (6.7.2); Santo Agostinho (*Civ. Dei* 3.26), menos de 70.

Ls. 6-8. Nessa passagem, nota-se a escolha dos chefes dos rebeldes, Espártaco, o principal, e os gauleses Crixo e Enomau. Os fugitivos já estavam refugiados numa fortaleza natural, o Vesúvio, e a escolha dos chefes implica algum grau de organização. Por outro lado, o fato de um dos chefes ser trácio, enquanto outros são gauleses implica outro fato importante: havia divisões étnicas no exército de escravos, e esta divisão aparecerá mais tarde, tanto no relato de Plutarco como no de Apiano, como um fator complicador do desenrolar da revolta como um todo.

Ls. 8-13. Aqui o autor fala sobre Espártaco, mostrando suas características e mencionando o fato de ele, tal como seguidores, ter família, ao menos uma esposa que o acompanhava. Plutarco ressalta as qualidades excepcionais de Espártaco: “Inteligente e forte” e cuja “sabedoria” e “moderação” o tornavam superior à sua sorte e “mais grego do que a sua origem” (de escravo e de gladiador). Os escravos gregos, geralmente, ocupavam postos mais suaves e, principalmente, mais prestigiosos, na escravidão doméstica, superiores sem dúvida ao destino de gladiador. Mas o importante para a produção do sentido do texto é mostrar que, para Plutarco, havia escravos que mereciam destino melhor por suas qualidades tidas como superiores, e que a condição de gladiador era ínfima, subalterna e desvalorizada, mesmo para escravos. Portanto, para o autor, Espártaco sofria pelo fato de ser estrangeiro e por ser escravo, portanto um ser desenraizado. Outra ocorrência significativa e única nos relatos de que disponho, é quanto aos poderes místicos de Espártaco. Aliás, trata-se de um casal com poderes sobrenaturais, pois sua mulher, segundo Plutarco, era uma profetisa trácia sujeita aos transportes de Dionísio. O sonho mostra uma cobra que teria aparecido enrolada como coroa na cabeça de Espártaco, e a interpretação da profetisa é de que isto era signo de poder – a coroa –, mas terrível, destinado a um final infeliz, sendo a cobra um símbolo ctônico, pois faz sua toca sob a terra junto ao mundo inferior, mundo dos mortos.

As fontes nos informam o seguinte sobre as origens étnicas dos rebeldes: Plutarco (*Crasso*, 8 e 9), gauleses, trácios e germanos; Lívio (*Periocha*, 97) gauleses e germanos; Orósio (5.24.1), Crixo e Enomau são gauleses; Salústio (*Hist.* 3.96), gauleses e germanos.

Ls.15-22. Aqui se narra o episódio da ampliação da revolta que, a princípio, era uma insurreição de gladiadores contra um amo cruel seguida de fuga, mas perdeu o caráter restrito pois, refugiados no Vesúvio, pilhavam

a região à volta, o que suscitou o envio de tropas, a princípio de Cápua, mas depois de Roma, a cargo do Pretor do ano de 73, Cláudio Glaber. Em Plutarco, ele aparece sob a denominação de Pretor Clódio, e teria a seu cargo, segundo o mesmo Autor, três mil homens, ou seja, uma legião do exército romano.

Ls. 25-27. Plutarco fala, quanto ao acréscimo de efetivos dos espartacanos, após essa vitória, em boiadeiros e pastores. Há algumas indicações em seu texto, de que homens livres acorriam para suas fileiras, e a menção a pastores é uma delas. A utilização inteligente de táticas guerreiras é mencionada por Plutarco, quando fala que alguns foram armados como infantaria ligeira e outros utilizados como espíões, o que indica algum grau de organização dos sublevados. Outras fontes sobre a ocorrência de mais pessoas para o exército de Espártaco: Floro (2.8.4); Frontino (*Estratagemas*, 1.5.21) e Orósio (5.24.1).

Ls. 27-34. Narração do envio de forças militares contra os escravos a cargo de P. Varínio, ainda no ano de 73, auxiliado por seu subordinado Fúrio, comandando dois mil soldados, e por outro oficial, Cossínio, com efetivos semelhantes. Plutarco narra as sucessivas derrotas destes generais para os espartacanos, com duríssimas conseqüências: os rebeldes quase mataram Cossínio, tomaram seu acampamento, e aprisionaram os litores de Varínio, tomando seu cavalo e outros espólios valiosos. Fontes sobre esses acontecimentos: Salústio (*Hist.* 3.94-96); Lívio (*Periocha*, 95); Floro (2.8.5-7); Frontino (*Estratagemas*, 1.5.22). P. Varínio está, além de Plutarco, no trecho de Frontino acima indicado; Lívio o chama de P. Varenos, pretor; Floro menciona em 2.8.5. "acampamento de Varênio"; P. Varínio é o nome deste pretor do ano de 73.

Ls. 37-46. Narração do que Bradley chama de "a segunda fase da guerra" (1976:95) que durou até o ano de 72. O teatro da guerra se amplia em direção ao Norte, pois Plutarco mostra que Espártaco pretendia escapar com seus comandados pelos Alpes. O Senado de Roma, desta vez, considera a guerra ainda mais problemática e manda dois cônsules, chamados simplesmente por Plutarco de Gélio e Lêntulo. Menciona também o "pretor da Gália Cisalpina", Cássio.

Ls. 48-58. A terceira fase da guerra, segundo Bradley, se inicia quando o comando das operações contra Espártaco passa para M. Licínio Crasso. Este recebeu seis legiões novas, além das duas dos cônsules derrotados. Plutarco e Apiano estão de acordo quanto ao episódio da dizimação dos

soldados romanos derrotados pelo exército dos gladiadores sublevados. Note-se que os soldados, quando engajados, embora fossem cidadãos, poderiam, tal qual os escravos, pagar com o corpo pelas faltas cometidas.

Ls. 58-73. Nestas linhas constata-se a tentativa frustrada de fuga dos espartacanos pelo mar para a Sicília, mas são enganados pelos piratas cilícios e não conseguem fugir. Outro episódio importante, constante neste trecho, é o cerco que Crasso monta para impedir que Espártaco e seguidores continuem pilhando a região de Régio, ao sul da Itália, onde se instalaram e isto foi no inverno, ao final do ano de 72 e início de 71.

Ls. 73-89. Extensa narrativa sobre um combate de Crasso contra espartacanos que acamparam às margens de um lago da Lucânia. Plutarco fala em vitória parcial de Crasso, pois o massacre final dos derrotados espartacanos foi impedido pela súbita chegada de Espártaco. A seguir, ataca outros bandos separados sob o comando de C. Ganício e por Casto. Note-se que líderes dos escravos surgiam à medida da necessidade, pois se Crixo e Enomau morreram, outros foram escolhidos para chefes. Observe-se também que a divisão por etnias – trácios, germanos e gauleses – permanecia como traço característico da composição dessa revolta. Há concordância entre Plutarco e Apiano quanto ao fato de Crasso ter matado 12 mil revoltosos em um único combate, para Plutarco “o mais violento de todos os combates” havidos até aquela altura dos acontecimentos. A menção às duas mulheres simpatizantes dos gladiadores que faziam sacrifícios à frente do acampamento é única, não aparece em mais nenhuma fonte.

Ls. 89-93. Plutarco fala na perseguição a Espártaco feita por enviados de Crasso, o general Quinto e o questor Escrofa. Seus nomes inteiros são Cn. Tremélio Escrofa e L. Quinto. A batalha se deu na região da Petélia, e houve uma vitória de Espártaco sobre Escrofa. Plutarco afirma que este sucesso foi a perdição de Espártaco por tornar seus seguidores arrogantes, pois acreditavam que poderiam vencer os romanos; sendo assim, abandonaram as táticas de guerrilha, até então usadas por Espártaco, e quiseram oferecer combate frontal, em que fatalmente seriam derrotados.

Ls. 80-88 e 96-97. A rivalidade entre Crasso e Pompeu está expressa nesses trechos. O autor mostra que a princípio, temendo o recrudescimento da guerra, Crasso escreve ao Senado pedindo os reforços de Pompeu, então ocupado em combater uma sedição do governador da Espanha Sertório, e Lúculo, que na Macedônia tratava de combater, aliás com sucesso, Mitridates.

rei do Ponto. É dito, também, que a vitória na guerra traz glória, e que Crasso tenta impedir que esta vá para Pompeu, pois, no contexto das guerras civis, ora em curso, as rivalidades políticas eram grandes, e cabia auferir dividendos políticos em todos os empreendimentos.

Ls. 88-106. Narrativa dos preparativos para a batalha final e a própria batalha em que Crasso derrotou Espártaco e seus seguidores. O local da batalha foi a margem do rio Silário, no nordeste da Lucânia, nas proximidades de Brindise, para onde se deslocaram, tanto Espártaco quanto M. Terêncio Varrão Lúculo, chegado da Macedônia para ajudar Crasso. Note-se o número de legiões empregadas na batalha final, dez, ou seja, 30 mil romanos, um número excepcional. Apiano e Plutarco discordam, entretanto, num ponto importante: Apiano mostra um Espártaco desesperado, ciente de que não havia possibilidade de enfrentar com sucesso os romanos, enquanto Plutarco mostra um Espártaco autoconfiante.

Ls. 106-112. O final da guerra é narrado de maneiras diferentes nas fontes. Plutarco, *Crasso*, XI, 135-38, fala que a ação de Crasso se encerrou na batalha final, enquanto Pompeu perseguiu os milhares de remanescentes do exército derrotado dos escravos; o mesmo autor, em *Pompeu* (21, 1-2) fala explicitamente que Pompeu crucificou os espartacanos derrotados; Apiano (*BC* 1, 120.91-93) diz que foi Crasso que exterminou os espartacanos remanescentes, crucificando-os no caminho que vai de Cápua a Roma. Outra diferença capital acerca das diferenças entre as atitudes de Crasso e Pompeu é quanto à aceitação ou não do triunfo após esta guerra, pois Plutarco é enfático ao dizer que Crasso desdenhou triunfar após uma guerra servil, honraria a que Pompeu não foi indiferente.

1. 4. ANÁLISE DO TEXTO

Em primeiro lugar, gostaria de remeter o leitor para a enunciação das hipóteses que norteiam a análise do texto de Plutarco, e que se baseiam em duas concepções: uma diz respeito à ambigüidade do ser humano escravizado, visto como objeto e, ao mesmo tempo, como ser humano, o que se refletiu em seu relato; a outra hipótese menciona o fato dele considerar aquele movimento rebelde uma guerra servil e, desse modo, ela apresentaria aspectos contraditórios, pois seria perigosa como uma guerra de verdade, mas teria a feição de atos de banditismo, pilhagens, estando na esfera da falsa guerra. Em suma, os escravos eram seres humanos, capazes de apren-

der conhecimento guerreiro; alguns de seus chefes, inclusive, tinham tal conhecimento especializado; mas por serem escravos eram seres humanos inferiores, e por isso não conseguiriam encetar, contra os romanos, uma verdadeira guerra.

O início de seu relato é muito revelador da sua visão sobre a revolta de Espártaco: "Quanto ao levante dos gladiadores e à pilhagem da Itália, que a maioria dos historiadores chama de guerra de Espártaco"; o conteúdo das duas primeiras linhas mostra a questão da ambigüidade do escravo e comprova que, por serem ambíguos, os escravos eram capazes de fazer guerras que se assemelhavam a pilhagens. Então, já nessa passagem inicial, enuncia-se que aquela foi uma guerra feita por escravos gladiadores, um levante com todas as características de uma sucessão de pilhagens, pelo menos a princípio.

Quanto às causas do levante, Plutarco afirma que foi a injustiça e ilegalidade do tratamento dos escravos, retidos na escola de Baciato, em Cápua, que os levou a se rebelarem sob a liderança de Espártaco. Plutarco caracteriza esta liderança mostrando as qualidades de Espártaco, homem "mais sábio" que os demais gladiadores, e "mais grego" também; era, juntamente com sua mulher, dotado de poderes sobrenaturais.

A República estava passando por uma grave crise institucional, com chefes políticos liderando exércitos, apogeu das rivalidades que desembocaram, poucos anos após o levante de Espártaco, no auge das Guerras Civis. Isto quanto ao plano interno. No plano externo, numerosos contingentes romanos lutavam em duas frentes: a Espanha, em que o governador Sertório queria dar maiores privilégios às elites locais, e a Ásia, onde Mitrídates, rei do Ponto, era combatido pelos romanos, sem sucesso, há 25 anos. Portanto, a rebelião se deu num momento chave em que Roma estava enfraquecida, interna e externamente.

Uma vez estabelecidos no Vesúvio, os escravos elegem mais dois chefes, os gauleses Crixo e Enomau, sob o comando geral de Espártaco. Isso demonstra que este exército era misto, em termos étnicos. Ainda quanto ao início da revolta, vale notar que Plutarco afirma que os romanos avaliaram o levante como um fato puramente local, tanto que, a princípio, mandaram destacamentos de Cápua para reprimi-los e, logo a seguir, uma legião romana a cargo do Pretor Clódio. De sua fortaleza, os cativos conseguiram fugir e, por sua vez, inverter os papéis, pois assediaram os romanos que fugiram "aterrorizados", segundo Plutarco.

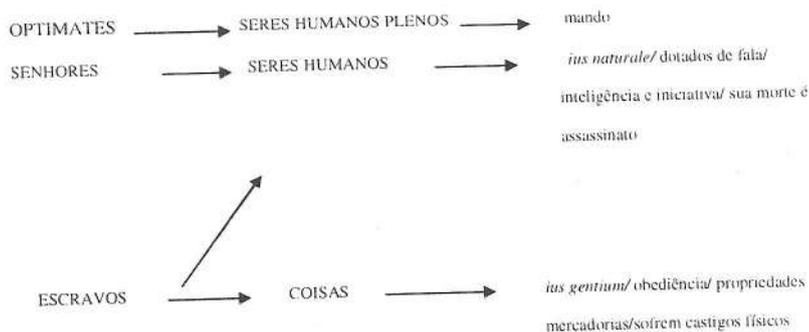
As táticas dos insurretos obedeciam, ao que parece, a um plano de fuga engendrado por Espártaco. Consistiam em atos de guerrilha, sempre evitando o confronto aberto com os romanos. Mas, em sua fuga rumo à liberdade, precisavam se abastecer de víveres e armas. Desse modo, como a política que podiam fazer, pode-se entender os atos dos espartacanos, tais como: o roubo da carroça com armas de gladiadores; o uso do Vesúvio como fortaleza, bem como as sucessivas pilhagens no decorrer da insurreição; a tomada do acampamento, do cavalo de Varfínio e seus litores (pois parece ter havido, por parte de Espártaco, uma representação ritualizada de que os cativos eram capazes de vencer os romanos e de que ele, Espártaco, poderia ser identificado ao general triunfador que desfilava, em Roma, num carro puxado por cavalos e precedido por litores com seus *fascios*); armar pastores e boiadeiros, que se tornaram parte de seu exército, após a derrota de Varfínio, empregando, uns como hoplitas, outros como espões e informantes. Tudo isso revela, a meu ver, coragem, iniciativa, inteligência, domínio de táticas guerreiras. Na visão de Plutarco, porém, mesclam-se o medo e a indignidade, pelo fato de os romanos terem de enfrentar tais inimigos. Os senadores, ao terem de enfrentar tal guerra, sentiram-se, ao mesmo tempo, envergonhados e temerosos, não sabendo ao certo, ainda, que gênero de perigo tinham que eliminar.

A ambigüidade, portanto, permeava tanto a visão de Plutarco quanto a dos senadores acerca daquele movimento, pois, se era uma guerra perigosa, "uma das mais difíceis e graves da História" era, ao mesmo tempo, vergonhosa e indigna de se combater. A seguir, Plutarco mostra que, apesar de "poderoso e temível", Espártaco não se considerava um verdadeiro general, nem achava viável a hipótese de tomar Roma. Sendo assim, preferiu conduzir seu exército em marcha para a liberdade através dos Apeninos para os Alpes, para voltarem para suas terras.

A derrota dos dois côsules para Espártaco dá início à terceira fase da guerra, pois o comando dessa vez é dado, de maneira extraordinária, a M. L. Crasso. A partir desse fato, a sorte dos escravos rebeldes começa a mudar para pior: o fim da guerra e a derrota final dos escravos se avistam. Desse modo, esta narrativa oscila, o tempo todo, entre a verdadeira e a falsa guerra, mas encerra um segredo, pois na narração da batalha final, onde se enfrentaram dezenas de milhares de soldados, nota-se que aquela foi uma verdadeira guerra, lutada em campo aberto, com milhares de mortos e feridos. Mas foi uma guerra servil, e por isso Plutarco diz que Crasso rejeitou com desprezo triunfar, mesmo sob a forma de ovação, após sua vitória sobre Espártaco.

Retorno a Goldmann para uma análise semântica dessa fonte. Objetivo dar um fecho à questão da ideologia da classe dominante no mundo romano acerca das diferenças entre escravos e senhores. Precisando um pouco mais: a análise semântica será feita para dar a perceber o que caracteriza ser livre, senhor, e o que, na visão dos literatos, era próprio do escravo. Ora, era característico do escravo a ambigüidade da sua condição, um ser humano tratado, à vezes, como coisa. Ser senhor, por sua vez, significava a liberdade de ação, o mando sobre os escravos e suas demais propriedades.

Escravos e senhores são dotados de fala, raciocínio; são ambos livres em espírito; sua morte é assassinato, o que requer, mesmo no caso do escravo, expiação. Mas enquanto os senhores, regidos pelo direito natural, têm o mando, a disposição sobre tudo o que lhes pertence, inclusive escravos, estes, regidos pelo direito comum dos povos, têm o dever de obedecer, pois estão à discrição dos desejos dos amos. Assim, embora sejam reconhecidos como seres humanos, os escravos são mercadorias e estão numa situação social de inferioridade e obediência a outrem. Traço um gráfico englobando o que é próprio dos senhores e dos escravos para poder explicar melhor as semelhanças – pois são seres humanos – e as diferenças entre senhores e escravos:



1. 5. ANÁLISE ISOTÓPICA E SEMIÓTICA:

A isotopia foi assim definida por Algirdas Greimas:

“Por isotopia entenderemos um conjunto redundante de categorias semânticas que torna possível a leitura uniforme do relato, tal como resultado das leituras parciais dos enunciados e da resolução de suas ambigüidades, guiada pela busca de uma leitura única” (CARDOSO, 1996:173)

É possível passar do significado da frase – microssemântica – à significação do discurso como um todo – macrossemântica – e é isso que me interessa nesse artigo: a análise do relato de Plutarco sobre Espártaco e sua rebelião, entendido como *enunciado, texto*, uma obra fechada. Para fazer a transição da micro para a macrossemântica, três etapas têm que ser cumpridas: a) descoberta das *categorias sêmicas* subjacentes, comparando-se partes do texto; b) isolar dentre elas as *categorias sêmicas* que se repetem, pois são essas as *categorias isotópicas*; c) distribuir as *categorias isotópicas* pelos três níveis semânticos, o *figurativo, o temático e o axiológico* (CARDOSO, 1996:174). A percepção de elementos redundantes através da leitura isotópica permite descobrir um feixe de categorias de significação, percebendo ao longo do texto a presença de unidades idênticas, as *categorias isotópicas*, e desta percepção estabelece-se uma *grade de leitura*, justamente a *leitura isotópica*, que permite resolver as ambigüidades presentes no texto, o que é fundamental para o tipo de análise de ideologia que venho empreendendo. A partir da *isotopia*, elaboro o *quadrado semiótico* que permite perceber com grande rigor o conteúdo ideológico do relato sobre a revolta de Espártaco.

Esta fonte permitiria a confecção de várias redes isotópicas, tais como a dos romanos de elite *versus* escravos gladiadores, ou a dos bons estrategistas *versus* maus estrategistas, onde se localizariam indistintamente romanos e gladiadores rebelados. Devido a questões de espaço, apresento, abaixo, apenas uma rede temática que dá conta da ambigüidade da visão de Plutarco sobre aquele movimento rebelde, o de que ele foi ao mesmo tempo uma verdadeira e uma falsa guerra. Isto derivava da ideologia militarista romana que afirma a superioridade dos romanos, sob o ponto de vista militar, em relação aos líderes dos escravos rebeldes. Tal rede revela o âmago do pensamento de Plutarco sobre a Revolta de Espártaco: já que sua visão

sobre os escravos, de maneira geral, assim como a dos demais membros da classe dominante romana é ambígua, oscilando em vê-los como homens capazes de organizar e fazer verdadeiras guerras, eram seres inferiores, portanto estavam no âmbito da falsa guerra, isto porque se tratava de uma guerra servil.

A partir desse ponto passo a elaborar o quadrado semiótico pertinente à análise isotópica que formulei. Trata-se, agora, de comprovar as hipóteses parciais, referentes ao texto de Plutarco, bem como a hipótese central do artigo, valendo-me, desta vez, de um método da semiótica textual, o “*quadrado semiótico da categoria modal veridictória*”, que associa o esquema imanente do /ser/ com o da manifestação, ou seja, do /parecer/, referente à rede temática da verdadeira guerra X falsa guerra.

REDE TEMÁTICA 1:

ELEMENTOS TEMÁTICOS	Verdadeira X falsa guerra
ELEMENTOS FIGURATIVOS	<p><i>Quanto ao levante dos gladiadores e a pilhagem da Itália, que a maioria dos historiadores chama de Guerra de Espártaco [...] os fugitivos [...] apoderaram-se de uma certa quantidade de armas de guerra, substituíram por eles suas armas de gladiadores [...] desonrosas e bárbaras.[...] Pretor Clódio [...] enviado de Roma [...] três mil homens, vindo assediá-los.[...] Espártaco[...] se apoderou de sua bagagem [de Cossínio] [...]seguiu-o e [...] após grande carnificina, tomou o acampamento. [...] o próprio general [Varínio] Espártaco o derrotou em diversos outros encontros [...] fazer prisioneiros seus litores e seu cavalo. Espártaco [...] Não acreditando poder vencer o poderio de Roma, tratou de conduzir seu exército em direção aos Alpes [...] [...] seus soldados, encorajados por seu número, e temerários, não o escutavam: devastavam a Itália, onde se espalharam. Por conseguinte, já não eram mais a indignidade e a vergonha</i></p>

	<p><i>de ter de combater a sedição que contrariavam o Senado; doravante, o medo e o sentimento de perigo o decidiram a enviar ao mesmo tempo os dois cônsules, como se se tratasse de uma das guerras mais difíceis e graves da História.[...] Crasso [...] escrito ao Senado [...] ser preciso chamar de volta Lúculo [...] e Pompeu [...] se arrependeu [...] se esforçou para terminar a guerra [...] bem sabendo que a aparência do sucesso iria para quem viesse ajudá-lo [...]Este sucesso foi a perdição de Espártaco, por tornar arrogantes os escravos fugitivos, já que não procuravam oferecer o combate frontal e deixaram de obedecer aos chefes. [...]Espártaco [...] tentou abrir caminho até Crasso, desafiando armas e feridas. Não o atingiu [...] matou dois centuriões [...] por fim sozinho e cercado por grande número de romanos foi trespassado de golpes.[Carta de Pompeu ao Senado]: “Crasso venceu os escravos fugitivos ostensivamente; quanto a mim, cortei as raízes da guerra.”[...] Crasso nem tentou solicitar o grande triunfo. Longe disto! Acreditou que celebrar até mesmo o triunfo a pé, [...] ovação, após uma guerra servil, seria vil e indigno.</i></p>
<p><i>ELEMENTOS AXIOLÓGICOS</i></p>	<p><i>IDEOLOGIA MILITARISTA; inferioridade dos escravos gladiadores, inclusive Espártaco X superioridade das elites romanas, especialmente Crasso, Pompeu e Lúculo.</i></p>

Esta rede, portanto, revela o fulcro do pensamento de Plutarco sobre a Revolta de Espártaco: já que sua visão sobre os escravos e sua rebeldia, pois a guerra servil era peculiar no pensamento dos letrados e outros romanos de elite. Foi uma guerra temível e perigosa e, ao mesmo tempo um surto de roubos e pilhagens. Durou três anos mas, por ser uma guerra servil,

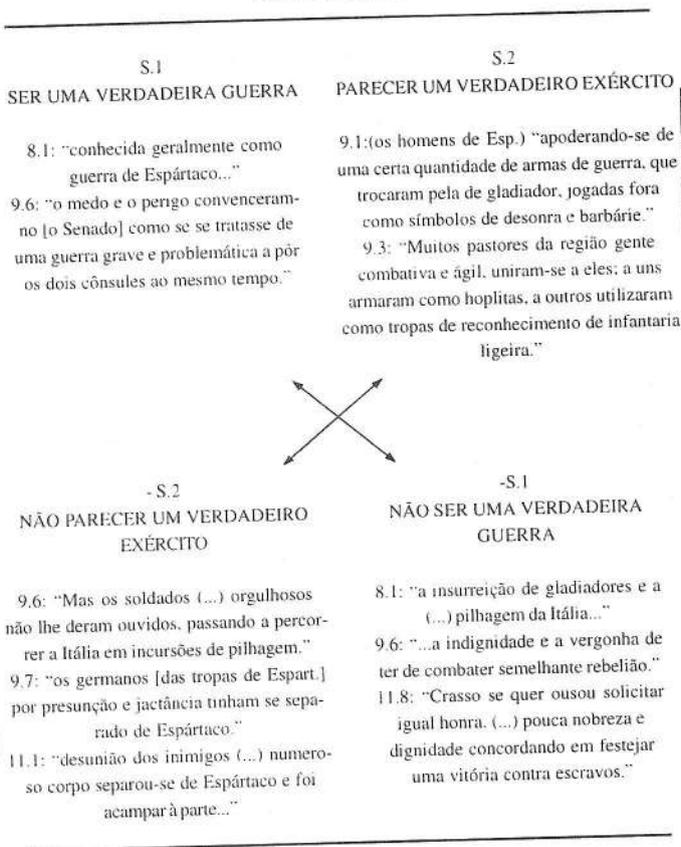
Crasso recusou o triunfo, embora este fosse oferecido pelo senado romano. Por tudo isso, ela era, ao mesmo tempo, uma falsa guerra mas com perigos de uma guerra verdadeira, o que o quadrado da modalidade veridictória comprova rigorosamente.

FONTE: PLUTARCO: CRASSO, VIII-11

VERDADEIRO

S
E
C
R
E
T
O

I
L
U
S
Ó
R
I
O



FALSO

Documentação Textual

- Plutarque. *Viés Parallèles*. Trad. Bernard Latarus. Paris, Garnier, 1950, Tomo II, pp. 49-55, traduzido por Ciro Cardoso.
- Plutarch. R. Warner (trad.) *Six Lives: Marius, Sulla, Crassus, Pompey, Caesar, Cicero*. London, Penguin Classics, 1991.

Bibliografia

- ALFÖLDY, G. *História Social de Roma*. Lisboa, Editorial Presença, 1989.
- ANNEQUIN, J., CLAVAL-LÉVÊQUE, M, FAVARY, F.(org.) *Formas de Exploração do Trabalho e Relações Sociais na Antiguidade Clássica*. Lisboa, Editorial Estampa, 1978.
- BRADLEY, K. *Slavery and Society at Rome*. Cambridge, Cambridge University Press, 1994.
- _____. *Slavery and Rebellion in the Roman World. 140-70 b. C.* Indiana University Press, Blooming and Indianapolis, B. T. Batsford LTD, London, 1989.
- _____. *Slaves and Masters at Roman Empire. A Study of Social Control*. Oxford, Oxford University Press, 1987.
- CARDOSO, Ciro F. *Trabalho Compulsório na Antiguidade*. RJ, Graal, 1984.
- _____. *Narrativa, Sentido, História*. SP, Papyrus, 1997.
- CHALHOUB, S. *Visões da Liberdade*. SP, Companhia das Letras, 1990.
- FINLEY, M. I. A *Economia Antiga*. Porto, Afrontamento, 1984.
- _____. *Escravidão Antiga e Ideologia Moderna*. RJ, Graal, 1991.
- _____. *Aspectos da Antiguidade*. Lisboa, Ed. 70, 1990.
- GARNSEY, P. *Ideas of Slavery from Aristotle to Augustine*. Cambridge, Cambridge University Press, 1997.
- GENOVESE, E. *A Terra Prometida*. RJ, Paz e Terra, 1988.
- GIARDINA, A. (org.). *O Homem Romano*. Lisboa, Editorial Presença, 1992.
- GOLDMANN, L. *Marxisme et Sciences Humaines*. Paris, Gallimard, 1970.
- GEIMAS, A. COURTÉS, J. *Dicionário de Semiótica*. SP, Cultrix, 1976.
- HOPKINS, K. *Conquerors and Slaves*. London, Cambridge University Press, 1983.

- MEILLASSOUX, C. *Antropologia da Escravidão. O ventre de ferro e de dinheiro*. RJ, Jorge Zahar, 1995.
- REIS, J. J. E SILVA, E. *Negociação e Conflito*. SP, Companhia das Letras, 1989.
- REIS, J. J. E GOMES, F. *Liberdade por um fio*. SP, Companhia das Letras, 1996.
- SAHLINS M. *Sociedades Tribais*. RJ, Zahar Ed., 1970.
- STE. CROIX, G. E. M. *The Class Struggle in the Ancient Greek World*. London, Ducksworth, 1981.